

## Nomes de rua: referência histórica e sentimental

JOSÉ ALBERTO FERREIRA\*

De tempos em tempos, os brasileiros, e em especial nós são-joanenses, somos surpreendidos com mudanças de nomes de ruas da nossa cidade, do nosso bairro, da nossa rua. Nessas ocasiões, ficamos assim parados, como que nos recompondo para se acomodar à nova situação. Algumas mudanças, após a perplexidade inicial, acabam “pegando”, mas uma grande parte fica só no registro municipal e postal, porque o povo continua com o nome antigo. O nome popular pela sua própria origem é de uso do povo e, portanto, possessivo. Além disso, ele traz sempre uma característica do local, facilmente assimilável. Não esquecer, também, muitas vezes o seu toque poético. Lembro-me da tentativa de mudança de um nome de rua, no Rio de Janeiro, há algum tempo, parece que a Rua das Perdizes. Os moradores protestaram. O nome permaneceu.

Quem conhece hoje o Beco da Romeira, a Rua do Jogo da Bola, a Rua do Comércio, a Avenida Carneiro Leão, a Rua Direita? Em que cidade estamos cujas ruas se chamam da Intendência, Rua dos Voluntários? Onde ficam o Largo da Câmara, o Beco do Cotovelo, a Rua Nova da Câmara, o Largo do Rocio e o Paço Municipal?

Para os leitores não familiarizados com a geografia urbana da cidade, um texto como o que transcrevo abaixo, do professor Antônio Gaio em “Visita à Colonial cidade de São João del-Rei” fica quase incompreensível. Vamos conferir:

“No início dessa rua, que se chamou do Curral e do Comércio,

encontra-se uma outra monumental testemunha do passado, esplendor comercial sãojoanense: o casarão de três andares construído depois de 1953, por aquele rico comerciante que deixou o seu nome gravado nas rocalhas que enfeitam as janelas que se abrem para o Largo do Rocio: o comendador João Antônio da Silva Mourão. A época de sua construção, várias transformações já vinham sendo introduzidas na arquitetura, quais instintivos sociais de superioridade, como a utilização de grades de ferro e vidraças em substituição às antigas rótulas. Hoje, felizmente, salvo de uma tentativa de demolição no ano de 1944, sedia o Museu Regional e as repartições do Instituto de Patrimônio Histórico Nacional”.

A Rua do Curral, que depois se chamou do Comércio, é hoje a Rua Marechal Deodoro. O antigo Largo do Rocio chamou-se Largo Tamandaré, nome pelo qual é ainda muito contemplado pelos são-joanenses. Oficialmente, este logradouro de chama Praça Severiano de Resende.

Muitos nomes antigos, de origem popular, descritivos e peculiares ao logradouro, resistem

às mudanças. É o caso de Biquinha, Largo Tamandaré, Largo de São Francisco... Muitos, esquecidos, apagados da memória do povo, foram ressuscitados pela benevolência de John Sommers, que afixou, ao lado do nome oficial, o antigo nome do logradouro.

A rua é uma extensão da casa. Mudar o nome da rua sem uma razão muito convincente é ferir a individualidade do cidadão.

\*Presidente do Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico

*“Mudar o nome da rua é ferir a individualidade do cidadão.”*

## Centenário de nascimento do Maestro Tenente João Cavalcante

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO\*

Para falar brevemente acerca da vida e obra do Maestro João Cavalcante sirvo-me de um farto documento conseguido pelo ilustre advogado Wainer de Carvalho Ávila em seus contatos com os membros da família Cavalcante. A atitude de Wainer, além de enaltecer a memória do Maestro, também me fez lembrar de uma praça com o nome dele, logradouro que existia (?) no bairro de Matosinhos.

João Cavalcante era natural de Passagem de Mariana-MG, onde nasceu em 18 de maio de 1902. Faleceu em 14 de agosto de 1985. Ainda menino regia a banda de música de sua terra natal. Formou-se no Conservatório Mineiro de Música (atual Escola de Música da UFMG). Foi aluno dos maestros Francisco Nunes e Assis Republicano. Fez Canto Coral no Rio de Janeiro, com Villa-Lobos. Casou-se com Maria Altesa Cavalcante e tiveram seis filhos: Nilce, Mozart, Ivone, Dulce, Teresa e Haydn.

Residiu em São João d’El-Rey, onde fundou a Sociedade de Concertos Sinfônicos (a popular “Sinfônica”). Nesta cidade criou o “Orfeão da Escola Normal”, no qual era professor de mais de 50 alunas. Foi maestro da Banda de Música do então 11º RI, ocasião em que também organizou um “Orfeão Masculino”. É o autor do Hino do Regimento de Infantaria de São João d’El-Rey, do Hino da Cidade de São João d’El-Rey e do Hino do Colégio Nossa Senhora das Dores. Em 1972 recebeu o título de Cidadão Honorário de São João d’El-Rey.

Morou em Juiz de Fora e em Belo Horizonte, tendo também atuado em diversas cidades mineiras, nas quais sempre esteve à frente de corporações musicais, dirigindo-as com a competência de grande músico, regente, arranjador e compositor. Organizou vários concertos, sempre divulgando a boa música mineira; dirigiu uma temporada de operetas na Bahia, com grande sucesso. Está assim delineada, ainda que brevemente, a importância do Maestro Cavalcante para a música mineira e são-joanense.

As autoridades são-joanenses, sob o pretexto de homenagearem o Maestro, criaram uma lei que denominou “Praça Maestro João Cavalcante” uma humilde área situada no bairro de Matosinhos (confluência das Ruas Sete de Setembro, Joaquim Quintino dos Reis, Carlos Alves e Jatobá, defronte à entrada principal do INOCOOP). Naquela modesta praça, inaugurada pomposamente através de ato público em 20 de março de 1988, colocaram uma placa num pequeno pedestal: “Praça Maestro João Cavalcante, compositor da Canção do

11ºBI e fundador da Orquestra Sinfônica de São João d’El-Rey”. Por ocasião da inauguração prantearam a ausência do Maestro os seguintes oradores: João Bosco D’ Angelo Alves, Mauro Carlos de A. Figueiredo, o prof. Gustavo Sette de Resende Campos e o general Carlos de Oliveira Campos. O evento contou com a presença de grande público e do então comandante do Regimento Tiradentes Cel. Alberto Mendes Cardoso, que levou a Banda do Exército para abrilhantar a festa. De um certo tempo para cá, infelizmente, a placa foi subtraída e aquela área (um pequeno canteiro central) ficou irreconhecível, entrou em franco declínio urbanístico: foi invadida e poluída visualmente por um barraqueiro que nela instalou seu botiquim (trailler), péssimo costume que já se espalhou (como erva daninha) pelas diversas áreas públicas da nossa cidade.

Penso que já é chegado o momento de agirmos exemplarmente em respeito à memória do Maestro e em consideração à sua família, expulsando os invasores daquela área e providenciando uma outra placa para o local. Uma ótima oportunidade para reurbanizar e reinaugar a dita praça seria no dia 18 de maio próximo, quando haverá a comemoração dos 100 anos de nascimento dele. Ou será que o Executivo e a Câmara Municipal estão dispostos a providenciar outro logradouro para que a memória de João Cavalcante descanse em paz? Na falta disso os descendentes dele, pesarosos e amargurados, preferem que aquela homenagem (que já foi extinta de fato) seja extinta oficialmente.

O mestre Sebastião Cintra, do alto de sua sabedoria, declarou que “o inteligente e laborioso Maestro Tenente João Cavalcante merece, inquestionavelmente, a perpetuação de seu nome aureolado nos rolos grandes mestres da cultura musical de São João d’El-Rey e do Estado de Minas Gerais.” Então fica lançado aqui, através deste modesto artigo, o espetacular desafio de resgatar a homenagem que fora feita ao Maestro João Cavalcante através da Lei Municipal nº 2327, de 29 de junho de 1987. Presumo que já estamos em enorme dívida com a memória do Maestro e envergonhados com a sua distinta família. Se nada fizermos, certamente que entraremos em dívida com nossa consciência histórico-musical e estaremos pecando irremediavelmente contra a memória cultural do município de São João d’El-Rey!

\* Membro do IHG, da Academia de Letras e do Conselho Mun. de Preservação do Patrimônio Cultural

*“Já é chegado o momento de agirmos em respeito à memória do Maestro”*

Gazeta de São João del-Rei

São João del-Rei - MG, ano IV, edição 205, 13 de julho de 2002, pág. 4